



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Rizoma: potência conceitual à biblioteconomia e ciência da informação

Rhizoma: conceptual power to library and information science

Igor Soares Amorim^a

^a Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil - amorim.igors@gmail.com

Palavras-chave:

Rizoma. Conceito.
Filosofia.
Biblioteconomia.
Ciência da
Informação.

Keywords:

Rhizome. Concept.
Philosophy.
Librarianship.
information Science.

Resumo: O artigo destaca o funcionamento do conceito de rizoma na ciência e na filosofia, com o propósito de identificar as diferenças que se evidenciam quando este é abordado na filosofia deleuzoguattariana e nas ciências sociais e humanas. O objetivo é analisar de que forma o conceito rizoma é apropriado na biblioteconomia e ciência da informação (BCI). A noção de rizoma nos escritos de Deleuze e Guattari e na bibliografia da BCI foram explorados e descritos, por meio da revisão bibliográfica e a análise conceitual. Constatou que o conceito apresenta configurações distintas quando enunciados na ciência e na filosofia. Na ciência é procurada maior estabilidade de sentido, enquanto na filosofia o conceito pode ter sentido atrelado à uma única obra. A noção de rizoma é flexível no plano filosófico e, embora procure definições na BCI, é um termo polissêmico. O conceito de rizoma é potencialmente importante para explorar inovações nos estudos de organização do conhecimento, classificação e recuperação da informação.

Abstract: The article highlights the functioning of the rhizome concept in science and philosophy, with the purpose of identifying the differences that are evident when it is approached in Deleuzoguattariana philosophy and in the social and human sciences. The objective is to analyze how the rhizome concept is appropriate in library and information science (LIS). The notion of rhizome in the writings of Deleuze and Guattari and in the LIS bibliography were explored and described, through bibliographic review and conceptual analysis. It was found that the concept presents different configurations when stated in science and philosophy. In science, greater sense stability is sought, while in philosophy the concept may have meaning linked to a single work. The notion of rhizome is flexible on the philosophical plane and, although it looks for definitions in the LIS, it is a polysemic term. The rhizome concept is potentially important for exploring innovations in the studies of knowledge organization, classification and information retrieval.



Introdução

Ciência, filosofia e arte são formas de pensar. O pensamento é o enfrentamento do caos, e, como tal, deve resistir a ele, na medida em que dele extrai uma matéria própria de seu exercício. Por isso, o pensamento é, em si, uma violência, pois enfrentar o caos e resistir a ele requer esforço.

Na filosofia, há diferentes correntes, dentre as quais umas dialogam mais com a ciência, outras, querem submetê-la a uma metafísica, outras, são submissas a uma ciência positiva. Durante toda a tradição Ocidental, o pensamento esteve aprisionado em um modelo pautado na lógica arbórea, que se autodeclarava como meio de se alcançar a verdade. Milenar, o pensamento arbóreo atravessou séculos e ainda hoje marca presença, mesmo nas pesquisas tecnologicamente mais avançadas, como ocorre na computação e engenharias.

Deleuze e Guattari teceram juntos uma obra aberta, uma filosofia radial, que mergulha no caos, e extrai dele belos conceitos, dentre esses, o de rizoma. Embora nascido na botânica, foi surrupiado por Deleuze e Guattari e agora se dissemina por diversos domínios do conhecimento, como é o caso da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI).

A BCI é um campo de estudo quase tão antigo quanto a escrita, voltado a pesquisa da produção, organização, armazenamento, recuperação, disseminação e apropriação da informação vinculadas em suportes. Nesse sentido, o conceito de rizoma pode ser proveitoso, na medida em que questiona o pensamento arvorecente, comumente encontrado nas classificações bibliográfica e nos conjuntos conceituais que sustentam a área, pois promove redes descentralizadas, produção de devires e de saberes.

Este artigo pretende responder as perguntas: o que é um conceito? O que é o rizoma enquanto conceito científico e filosófico? Qual o proveito que o conceito de rizoma pode trazer à BCI?

Para tanto, realizamos um estudo exploratório e descritivo, com base em fontes bibliográficas, por meio da análise conceitual e da revisão bibliográfica. Esperamos contribuir com o entendimento das peculiaridades do conceito filosófico e científico, e

para uma potencialização do uso do rizoma no âmbito das ciências sociais e humanas (CSH), especialmente na BCI.

O Conceito de rizoma

O dicionário de Font Quer (2001) aponta a origem grega da palavra rizoma, *ρίζες*, que significa “raízes”. O rizoma é um tipo de raiz. A raiz tem duas funções primordiais nos vegetais, a de fixação no solo e a de nutrição da planta. A raiz é que permite a sobrevivência, na medida em que absorve e distribui as substâncias necessárias às atividades do vegetal.

Comumente, em um debate científico, emprega-se o termo “ir à raiz” para expressar que a abordagem de um dado tema será profunda, estruturada, densa. Ainda, outro termo, “radical”, é atribuído àquele que adota posturas extremadas, pouco usuais, que vai à raiz ao invés de agir de modo tradicional, na superfície ou mesmo no senso comum.

O que significa “rizoma”? De acordo com o dicionário de botânica de Font Quer (2001, p.950), a definição de rizoma é:

Metamorfosis caulinar debida a la adaptación a la vida subterránea, o, dicho de manera más simple, tallo subterráneo. Por tanto, ya que el rizoma vive fuera de la zona de luz, habrá de carecer, y realmente carece, de nomófilos u hojas propiamente dichas, capaces de asimilar y de transpirar; en su lugar hallamos catafilos, las más veces en forma de escamas membranosas. El rizoma, como el tallo epigeo, posee yemas y echa vástagos foliíferos y floríferos; suele producir también raíces. Por su condición mecánica de sostener a la planta, por su falta de hojas y de clorofila, por su vida hipogea, etc., podría confundirse con la raíz; difiere de ella por sus catafilos y sus yemas, por no tener caliptra, y, principalmente, por su estructura, que es caulinar y no radical. Durante el período del año desfavorable a la vegetación, en los países con inviernos fríos o con estaciones excesivamente secas, el rizoma defiende a la planta contra los rigores del ambiente. Las llamadas plantas vivaces, tan abundantes en las altas montañas y en las tierras frías, suelen tener su correspondiente rizoma. Son notables los rizomas de la caña común y de la grama, el del ácoro, el del aguaturma, etc. II Empléase también este término como contrapuesto a cauloma, por tanto en sentido mucho más amplio del que se acaba de indicar. Si el cauloma corresponde al miembro caulinar hecho extensivo a los talófitos y briófitos, e. d., a los vegetales inferiores privados de tallo propiamente dicho, según la concepción de SACHS y de FRANK, a este cauloma corresponde un rizoma, en sentido lato también, que comprende, por tanto, además de la raíz propiamente dicha de las plantas superiores, el rizado o el rizoide de las inferiores. V. radicomia. F, Q. II En algol., también se ha usado esta denominación, aplicándola, por ej., a los filamentos de *Cladophora* tendidos paralelamente al substrato, y que perduran de un año a otro, o a los acinetos

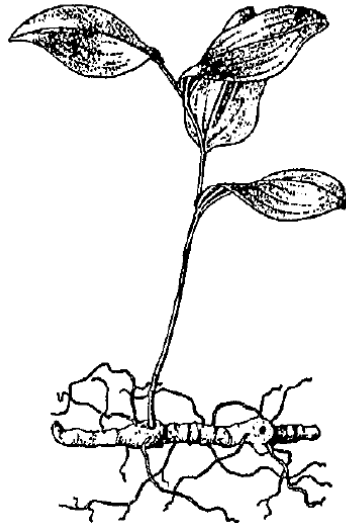
formados a expensas de esta parte del talo y de los rizoides (v. fig. pág. sig.).-
R. M.

Já no dicionário de botânica de Bailey (2014, p. 204), rizoma é definido como: “A stem that grows horizontally below ground. Rhizomes may be fleshy, e.g. Iris, or wiry, e.g. couch grass (*Elytrigia repens*) and may serve as an organ of perennation or vegetative propagation, or occasionally both”.

A partir dessas definições técnicas, podemos sintetizar em seus elementos principais, um caule horizontal, subterrâneo, com disposição regular, com nós, gemas e escamas que são reservas de substância que permitem a sua sobrevivência em situações e climas adversos.

A obra de Font Quer (2001) também traz imagens para ilustrar o rizoma, exemplificando sua estrutura e posição.

Fig. 1 -Rizoma de *Polloonatatum officinale*



Fonte: Font Quer (2001, p. 950)

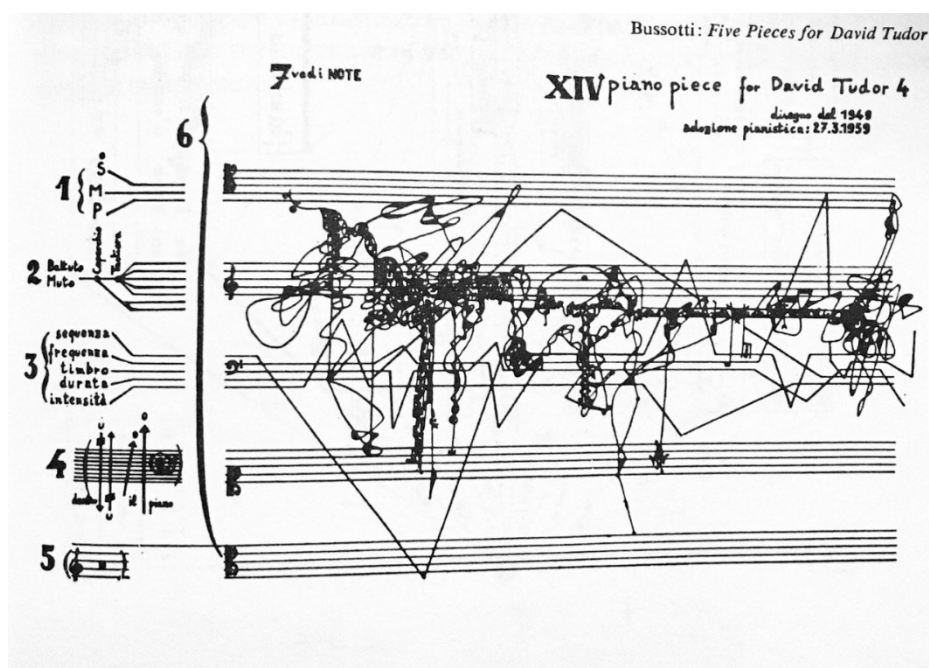
Fig. 2 - Rizoma estolonífero de *Carex chaelophylla*

Fonte: Font Quer (2001, p. 951)

Grosso modo, na botânica, dentre seus assuntos, há o interesse pelos rizomas, sua morfologia, suas propriedades medicinais, suas propriedades e funções, sua capacidade de resistir às temperanças, dentre outros. Todavia, não parece ser essas perspectivas que Deleuze e Guattari exploram ao abordarem o conceito.

Para exemplificar o rizoma, Deleuze e Guattari (2011) utilizam da ilustração de uma partitura do italiano Sylvano Bussotti, compositor de vanguarda, que teve destaque não só por sua música, mas sobretudo por sua notação incomum, por isso reconhecido como um “compositor gráfico”. Uma de suas partituras, a quarta das *Cinco peças para piano em homenagem a David Tudor*, é reproduzida no capítulo 1 de *Mil Platôs*, intitulado *Introdução: Rizoma*.

Fig. 3 - Partitura rizomática de Bussotti



Fonte: (DELEUZE; GUATTARI, 2001, p. 17).

Sobre esta imagem, Deleuze e Guattari (2011) não tecem maiores comentários ou análises. Ela apenas compõe o texto, ilustra o conceito de rizoma. Van Houtum (2012) aponta que, nessa figura utilizada por Deleuze e Guattari, há virtualidades para explorar formas de mapear territórios, que evidenciem aquilo que não é visível, forças sensíveis:

A famous and striking example of a rhizomatic map is that by the composer Sylvano Bussotti, presented by Deleuze and Guattari in their book *A Thousand Plateaus*. In this figure, spatial movement is represented as a rhythm, but then imagined as an erratic, chaotic flux. The rhythm itself is understood as a migration, an endless becoming, a constant flux of connections which together make a zigzag line. It is thus anything other than a universal, unidirectional arrow - like line. The totalitarian fixation on an essential past, a utopian future as represented by an arrow, is absent. What dominates is not the vertical or horizontal binary connections, or the universal script of state border mapping, but the transversal network. (VAN HOUTUM, 2012, p. 413)

Se o conceito de rizoma parece, numa primeira vista, se afastar da botânica, não o faz da terra. Ainda é um mapa, nas palavras de Van Houtum (2012). Um conceito filosófico feito de barro, que é animado, ganha vida, não uma vida biológica, mas uma vida filosófica. Para entender o que é o rizoma deleuzoguattariano, é preciso discernir esses termos. Rizoma na botânica não tem sentido filosófico, mas quando surge no texto dos pensadores franceses, ele se torna produto filosófico.

O que é um conceito?

O que é um conceito? O “conceito” adjetiva um tipo de arte, a arte conceitual. Embora exista todo um movimento artístico contra a representação do objeto, a arte conceitual tem em Marcel Duchamp seu proponente de maior destaque. Duchamp propôs o *ready-made* como método de produção artística, o que intensificou a busca pela valorização do processo de criação e de sua abstração em detrimento da arte focada no produto final. Aspirou a valorização da ideia abstrata em oposição a arte enquanto artefato, objetificável, vendável. Podemos tirar daí que o conceito tem mais ligação com a ideia, a abstração, do que com o mundo dos objetos físicos, extensivo.

Embora você leitor passe os olhos por essas letras plasmadas em uma tela ou mesmo impressa em um papel, este documento que você tem à altura dos olhos não é um conceito. O conceito de texto pode abarcar este, mas este em si não é um conceito. Os conceitos são generalizações dos objetos encontrados da realidade, eles são elaborados pelos seres humanos como forma de referenciar, explicar e dominar a realidade. Os conceitos são imprescindíveis nas práticas humanas, são importantíssimos na religião, na magia, na gestão pública e privada, no direito, no desporto e nas artes, como já pontuado. Contudo, é nas ciências e na filosofia que eles adquirem maior relevância, porque é exigido deles um maior rigor epistemológico. Nas ciências, os conceitos são mediações entre a realidade e o sujeito pensante.

É nesse sentido que Barros (2016) afirma que há nos seres humanos uma “vontade de conceituar” que segue uma “vontade de nomear”. Criações fundamentais às ciências, os conceitos permitem o estabelecimento de consensos, a partir dos quais os conhecimentos são construídos e acumulados. No desbravamento do desconhecido, os conceitos não só conferem sentidos que agrupam as ideias advindas da realidade, como auxiliam em sua organização. Foi assim que, na astronomia, o conceito de planeta foi diferenciado do de estrela, para separar corpos celestes em suas especificidades, assim como recentemente Plutão deixou de ser planeta, em 2006, quando foi reclassificado como planeta anão, quando a União Astronômica Internacional atualizou o conceito de planeta.

Os conceitos nos domínios científicos são criados por meio da adoção de uma palavra corrente para designar um fenômeno específico, por um neologismo ou por um arcaísmo. Nesse sentido, o “conceito pode ser entendido, de modo mais geral, como a bem-

delineada ideia que é evocada a partir de uma palavra ou expressão verbal que passa, desde então, a ser operacionalizada sistematicamente no interior de certo campo de saber ou de práticas específicas” (BARROS, 2016, p. 26). De acordo com Barros (2016), não existe uma linha que separe as palavras comuns dos conceitos, mas para que uma palavra comum se torne um conceito, ela precisa deixar de ser apenas “unidade de comunicação”, e se tornar também uma “unidade de conhecimento”. Dahlberg (2006) também aponta que um conceito é uma unidade de conhecimento.

O livro de Barros (2016), no qual explora a noção de conceito nas CSH, aponta seis principais funções de um conceito: comunicar, organizar, generalizar, comparar, problematizar e aprofundar. Nos domínios de conhecimento, o cientista usa conceitos para se comunicar. Rizoma é um conceito na botânica, assim como planeta, na astronomia. A organização operada por um conceito é resultante da apuração que os cientistas ampliam nos estudos de um dado fenômeno. Esses dois conceitos são generalizações, pois, na noção de planeta, cabem os diversos exemplares reconhecidos no universo, assim como a noção de rizoma no âmbito das plantas. Essa generalização permite a comparação entre os diferentes elementos, como a comparação de Vênus e com a Terra, ou com Plutão, que a partir dessa comparação, foi colocado em outra classificação. Os conceitos são também respostas às problematizações, assim como podem ser objetos de questionamentos. Um exemplo é o conceito de “raça” utilizado na antropologia e biologia. Ele serviu para que, em séculos anteriores, se conhecesse as diferenças entre os seres humanos, problematizando o fato de que se encontravam seres humanos com características distintas. No século XX, porém, foi constatado que essa noção é problemática, pois diversos estudos em ciências naturais e humanas evidenciaram que os seres humanos compõem uma única “raça”. Todavia, o conceito derivado de “raça”, “racismo”, é fundamental e, como tal, ganha força neste século como tema de pesquisa, pois o racismo existe, e seu conceito viabiliza críticas que prezam pelo combate às diferenças históricas, geradas no âmbito da força física e simbólica, concretizadas em grupos privilegiados que estabelecem injustiças sociais. O conceito de “racismo” permite o aprofundamento do conhecimento.

Os conceitos são históricos, por isso mudam de acordo com o tempo, e não sem conflitos. Além disso, são ambíguos, sobretudo nas CSH. O conceito de planeta foi alterado em 2006 pela União Astronômica Internacional, a partir de uma convenção de físicos que

debateram e decidiram. A orientação sexual foi tratada como doença durante muito tempo, até a revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID) ser atualizada para a versão 10, na década de 1970. O debate para alterar a classificação não era médico, mas social, político. Como aponta Laurenti (1984), que explicita que a CID é um instrumento em que o médico define o motivo da procura de um paciente pelo atendimento de saúde. Embora não fosse considerada uma patologia, os pacientes continuavam a procurar os médicos para “solucionar” a homossexualidade. Graças o engajamento político das esferas civis, a orientação sexual não é mais conceitualizada como uma patologia nesse instrumento, o que é coerente com o conhecimento científico da área médica.

Diferente dos conceitos no domínio da física e da biologia, nas CSH os conceitos aceitam maior flexibilidade, são mais polissêmicos. Um exemplo é o conceito de “ideologia”, para o qual foram encontrados dezesseis sentidos mais utilizados, em um estudo realizado pelo filósofo inglês Terry Eagleton (1991 *apud* BARROS, 2016). O mesmo pode ser dito dos conceitos de “cultura”, “poder”, “informação” dentre outros. Nas ciências exatas e naturais, há pouca variabilidade na concorrência de paradigmas, o que permite maior consenso entre os conceitos. Já nas CSH, a polissemia é característica, e fundamental, pois essas são multiparadigmáticas, e são necessárias interpretações distintas a um mesmo fenômeno, sem uma hierarquização entre essas, desde que sejam respeitados os procedimentos necessários à produção de conhecimento em cada domínio. Para Barros (2016, p.60),

as ciências humanas lidam com seus conceitos a partir de uma atitude flexível que as coloca simultaneamente equidistante da rigidez científica e da fluidez filosófica. Entre a rigidez ortogonal dos conceitos típicos das ciências exatas, com seus contornos regulares e facilmente encaixáveis uns nos outros de modo a formar um único quebra-cabeças, e a volatilidade radical dos conceitos filosóficos – no limite da qual cada filósofo ou mesmo cada obra tende a criar conceitos que só servirão para ela própria – estão as formulações conceituais da História e das demais ciências humanas.

Evidentemente, o conceito de rizoma na botânica, nas CSH e na filosofia são distintos. Neste artigo, a proposta é explorar o sentido de rizoma na área de BCI, a partir da contribuição de Deleuze e Guattari. Mas o que é um conceito filosófico?

O conceito na Filosofia de Deleuze e Guattari

Na filosofia os conceitos sobejam. Normalmente, os conceitos são associados aos seus pensadores, como, por exemplo, a ideia de Platão, o afeto de Espinosa, o poder de Foucault. Como Barros (2016) indicou, na filosofia, os conceitos são mais fluidos, podem estar atrelados não só a um pensador, mas a uma única obra. Quando um conceito é utilizado no âmbito filosófico, ele é fechado em si mesmo, não é representante de um referencial externo. É assim com os conceitos de Ser, de *cogito ergo sum* ou eterno retorno.

Deleuze utiliza sentidos diversos para os mesmos termos, em diferentes obras, de maneira intencional, a fim de provocar o devir em seus próprios conceitos. São conceitos mutáveis, que a cada momento escapam de uma identidade definidora: “concepts, from a Deleuzian perspective, have no identity but only a becoming” (SMITH, 2012, p. 62). Por isso é impossível criar um dicionário dos termos deleuzianos.

Para Smith (2012, p. 64), os conceitos não apresentam uma identidade na filosofia deleuziana, pois “The idea that thought is necessarily propositional, representational, linguistic or even conceptual is completely foreign to Deleuze”. Nesse sentido, a filosofia deleuziana promove o devir conceitual, não só o conceito busca dar conta de processos de devires, que são pontos de atenção do olhar de Deleuze, como os seus próprios conceitos se metamorfoseiam, na medida em que “the aim of Deleuze’s analytic of concepts is to introduce the pure form of time into concepts, in the form of what he calls ‘continuous variation’ or ‘pure variability’” (SMITH, 2012, p. 67).

No livro *O que é Filosofia?* Deleuze e Guattari (2010) discorrem sobre o conceito de conceito. Há que, de imediato, pontuar dois aspectos dessa noção na obra dos filósofos: primeiro, o conceito não é um signo linguístico, sobretudo porque a estrutura triádica de significante, significado e referente não é suficiente para conceber um conceito; em decorrência disso, o segundo aspecto, o conceito não é um enunciado ou ente discursivo, pois, embora expressemos os conceitos verbalmente, eles operam em planos não-linguísticos, em planos próprios da filosofia.

O conceito filosófico não é signo, porque ele é autorreferente. Isso significa que diferentemente de um signo, em que o referente preexiste enquanto matéria ao significado e a relação entre estes, o conceito “põe-se a si mesmo e põe seu objeto, ao mesmo tempo em que é criado” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 30). Isso quer dizer que um conceito

não tem extensão, ele é apenas intensivo, ou seja, remete a intensidades caóticas, intensidades que são materialidades do próprio pensamento. Barros (2016) mostra como os conceitos nas CSH se constituem numa relação de proporção inversa entre extensão e compreensão. Quanto maior a extensão de um conceito, quanto mais atributos, menor sua compreensão, menos abrangente é sua ideia, e vice-versa.

Para Deleuze e Guattari (2010), o conceito apresenta outra dinâmica, os conceitos filosóficos não se apresentam sob um eixo, os conceitos são constituídos por zonas de indiscernibilidade que comportam componentes intensivos. Nos conceitos filosóficos, os componentes intensivos são ligados livremente, em função do próprio pensador.

A filosofia para Deleuze e Guattari (2010) não se preocupa com universais, é justamente o contrário, o filósofo formula conceitos por meio da operação sobre singularidades. Tais singularidades, quando aproximadas, podem ser condensadas num conceito, isto é, os conceitos acumulam componentes. Nesse sentido, o pensador pousa num plano, composto pelos componentes, e são esses que conferem consistência ao conceito. O conceito é múltiplo, por seus componentes, suas intensidades, mas é uno, enquanto conjunto, portanto, um “todo fragmentário”.

Na filosofia, as relações no conceito não são de compreensão ou de extensão como aponta Barros (2016), mas somente de ordenação, e os componentes são variações ordenadas em uma vizinhança. São processos modulares. Conceito é uma intenção presente em todos os componentes, que não cessa de percorrê-los, segundo uma ordem sem distância, o que o faz copresente com todos os seus componentes ou variações (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

“O conceito define-se pela inseparabilidade de um número finito de componentes heterogêneos percorridos por um ponto em sobrevoo absoluto, à velocidade infinita” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 29). “O conceito é bem ato de pensamento neste sentido, o pensamento operando em velocidade infinita.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 29). Além disso, é incorporeal, mas se efetua nos corpos, porém não se confunde com o estado das coisas em que se efetua. É energético, e não tem coordenadas espaço-temporais, mas somente intensidades (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

São os componentes do conceito que definem sua consistência interna e externa. A consistência interna, a endoconsistência, se dá em função das relações entre os componentes de um conceito. Tais componentes, distintos e heterogêneos, sob determinado conceito, são inseparáveis e confirmam o desenho deste. Contudo, proximidades entre conceitos geram zonas de indiscernibilidade, em que componentes são compartilhados por mais de um conceito. São essas zonas os espaços de devir do conceito, seus limites, definidora da inseparabilidade e da endoconsistência dos conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Também há entre conceitos diferentes pontes de conexões. As pontes ligam conceitos que não compartilham componentes, mas que possuem alguma relação, como do tipo histórica, e são as pontes as definidoras da exoconsistência dos conceitos. “As zonas e as pontes são as juntas do conceito” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 28).

A dupla de filósofos escreve: “Um conceito é uma heterogênese, isto é, uma ordenação de seus componentes por zonas de vizinhança.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 29). Os conceitos se inter-relacionam e, por isso, suas ordenadas intensivas não devem ser apreendidas como geral ou particular, mas simplesmente como singulares. Cada componente é singular em seu conceito (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

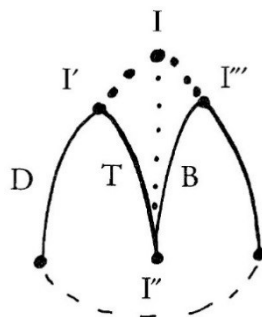
Seguindo a ideia de que existem relações de vizinhança entre os conceitos é que os pensadores franceses relatam que estes têm história e devir. Os conceitos têm história que se desdobra em zig-zag, podendo cruzar com outros problemas ou outros planos de imanência. Todo novo conceito é feito com novos cortes de planos, assume novos contornos, porém pode nele haver componentes de outros conceitos, que remetiam a outros problemas e referiam a outros planos. Os conceitos coordenam seus contornos, compõem seus problemas, se acomodam e se sobrepõem um aos outros e, mesmo tendo histórias diferentes, criam relacionamentos de vizinhanças via seus componentes (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Os devires dizem respeito ao relacionamento entre conceito em um mesmo plano. Conectados por problemas, participam de uma cocriação, via um movimento de bifurcação sobre outros conceitos, alterando composições e as regiões que ocupam no plano. Portanto, a dinâmica filosófica é rica, uma vez que os conceitos estão em relações

virtuais constantemente. Os componentes dos conceitos, nessa dinâmica, podem vir a ser outros/novos conceitos.

Ao longo da seção destinada a explicar o “conceito”, Deleuze e Guattari (2010) exemplificam. O exemplo refere-se ao *cogito* cartesiano, o Eu de Descartes, um conceito de *eu*. Segundo os filósofos, esse conceito apresenta três componentes: “duvidar”, “pensar” e “ser” e, dessa forma, evocam o enunciado do conceito: “eu penso ‘logo’ eu sou”. Em seguida, completam o enunciado: “eu que duvido, eu penso, eu sou, eu sou uma coisa que pensa”. Então, apresenta um esquema visual para decompor o conceito:

Fig. 4 - Conceito do Eu de Descarte



Fonte: Deleuze e Guattari (2010, p. 34). Imagem retirada do endereço <http://www.newappsblog.com/2011/08/continental-connections-thursday-7-what-is-philosophy.html>.

Na figura acima, *I* refere-se ao conceito “Eu”, enquanto *I'*, *I''* e *I'''* são os componentes “duvidar”, “pensar” e “ser”, respectivamente. Explica que o conceito se condensa no ponto *I* na medida em que circula por todos os componentes, constituindo zonas de inseparabilidades. Uma primeira zona se estabelece entre “duvidar” e “pensar”, representados como *D* e *T*, e estabelece que “eu que duvido não posso duvidar que penso”. Uma outra zona se estabelece entre “pensar” e “ser”, *T* e *B*, que determina que “para pensar é necessário ser”. Assim, o conceito se fecha num todo fragmentado, que mantém o “eu sou uma coisa pensante”, o que só pode ser extrapolado na medida em que se desenvolva pontes que levem a outros conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

A filosofia é um exercício prático, de criar conceitos. Os conceitos respondem a uma necessidade, pois eles são criados a fim de um pensamento confrontar um problema filosófico. O filósofo é um artesão de conceitos, instrumento este que serve à resolução de um problema.

O conceito filosófico de Rizoma

Antes de ser utilizado na obra dos franceses, a noção de rizoma já assume um sentido aproximado do proposto pelos filósofos. No prólogo de sua biografia (parcialmente autobiografia), *Memórias, sonhos, reflexões*, escrita entre os anos 1950 e 1960, Jung (JUNG, 1986, p. 7) fala do rizoma como metáfora para aquilo que ocorre no subterrâneo da vida:

A vida sempre se me afigurou uma planta que extrai sua vitalidade do rizoma; a vida propriamente dita não é visível, pois jaz no rizoma. O que se torna visível sobre a terra dura um só verão, depois fenece... Aparição efêmera. Quando se pensa no futuro e no desaparecimento infinito da vida e das culturas, não podemos nos furtar a uma impressão de total futilidade; mas nunca perdi o sentimento da perenidade da vida sob a eterna mudança. O que vemos é a floração – e ela desaparece. Mas o rizoma persiste.

Nas mãos de Deleuze e Guattari, o rizoma não é uma metáfora, pois enquanto conceito, não se resume à linguagem. Não é metáfora, mas sim conceito filosófico. Primeiramente, surge no ano de 1975, na obra concebida por Deleuze e Guattari, no livro *Kafka: por uma literatura menor*. A dupla francesa (2017, p. 9) utiliza o conceito na primeira frase do livro: “Como é que se entra na obra de Kafka? É um rizoma, uma toca, esta obra”. Para eles, as obras de Kafka apresentam múltiplas entradas, sempre um mapa rizomático, pelos quais as personagens fogem de seus destinos. Nesse sentido, seus personagens estão sempre a procurar uma saída, uma fuga. Em *A Metamorfose*, uma saída rizomática foi o som, o ruído, o som do violino de sua irmã, com quem Gregor Samsa procura uma relação, via as aulas de música. Também percorre os cantos da casa, a fim de explorar esse novo mundo que, experimentável sob a forma de um inseto, novo mundo que era o próprio mundo que Kafka habitava, onde se erigia o capitalismo virulento, o fascismo, o stalinismo. Assim, na obra do Kafka, o rizoma é uma maneira de se viabilizar uma experimentação, estabelecendo a primazia desta em relação a interpretação: “O princípio das entradas múltiplas só impede a entrada do inimigo, o Significante, e as tentativas para interpretar uma obra que, de facto, só propõe a experimentação.” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 9-10).

O rizoma é um meio e um fim, pois é por sua construção que se faz a literatura menor, se foge do significante e das relações dicotômicas, que aprisionam e limitam, segundo Deleuze e Guattari (2017). Para os filósofos, o próprio Kafka busca tecer seus rizomas,

fugir, como é possível identificar nas cartas, fugir de seu destino burocrata, das pressões familiares. Também seu processo de escrita, suas opções por compor uma novela, ou um romance, são buscas por caminhos, traços rizomáticos que se desenvolvem numa dinâmica cartográfica.

No ano seguinte, em 1976, Deleuze e Guattari publicam o texto intitulado *Rizoma*, que quatro anos mais tarde seria incorporado ao livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2, como uma introdução, texto em que o conceito é destrinchado.

Aqui, o rizoma é apresentado como “antimétodo” de pensamento. Uma maneira de livrar o pensamento da tradição delimitada pela lógica binária e pela relação sujeito-objeto.

Se em Font Quer (2001), que apresenta o conceito no âmbito da botânica, o rizoma é uma parte do todo da planta, que existe em função desta, os pensadores franceses buscam um primeiro distanciamento dessa perspectiva:

Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas. Plantas com raiz ou radícula podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 21-22)

Em que sentido a botânica poderia ser inteiramente rizomórfica? Aqui já soa que o rizoma não é o signo atrelado a um referente, mas algo mais próximo a um processo. Os autores continuam:

Até animais o são, sob sua forma matilha; ratos são rizomas. As tocas o são, com todas suas funções de hábitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e de ruptura. O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha. Animal e planta, a grama é o capim-pé-de-galinha. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 22).

O rizoma abandonou por completo a botânica, e fora lançado a outros repertórios. Os autores convocam os animais, os habitats e, em seguida, afirmam que o rizoma tem formas muito diversas, que é animal e planta. Na sequência, os autores reconhecem que precisam formular a proposição melhor para serem compreendidos, e sistematizam seis princípios do rizoma:

Princípio de conexão: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 22), ou seja, não há pontos de fechamento, um rizoma não se dá apenas num domínio, em um estrato.

Princípio de heterogeneidade: o rizoma articula estratos linguísticos, biológicos, políticos, econômicos, de modo a construir uma verdadeira máquina abstrata que veicula com toda uma micropolítica do campo social. “Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 22-23).

Princípio de multiplicidade: Este princípio afirma que o rizoma não cria unidade, hierarquia, não estabelece relações de poder entre seus componentes, por isso seus elementos são múltiplos, horizontais, planos, por isso são assignificantes e assubjetivos.

Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade). [...] Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. [...] um rizoma, ou multiplicidade, não se deixa sobrecodificar, nem jamais dispõe de dimensão suplementar ao número de suas linhas, quer dizer, à multiplicidade de números ligados a estas linhas. [...] As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 23-24).

Princípio da ruptura assignificante: rupturas acontecem no rizoma, por meio de uma linha de fuga, que provoca devires, transformações nos seres envolvidos num rizoma. Todavia, um rizoma rompido pode ser retomado. O rizoma é cortado por linhas segmentares, e pode estratificar-se, cristalizar-se, adquirir significado, ou mesmo ser rompida e redirecionar o rizoma num movimento de abertura, que remonte a outras possibilidades de vir a ser. Essa dinâmica evidencia outras formas de transformação que não a evolutiva por transmissão de informações por descendência. São alianças que viabilizam as trocas entre códigos genéticos, por exemplo, como ocorrem com os vírus que trocamos com outros seres vivos.

Nós fazemos rizoma com nossos vírus, ou antes, nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros animais. [...] Comunicações transversais entre linhas diferenciadas embaralham as árvores genealógicas. Buscar sempre o molecular, ou mesmo a partícula sub-molecular com a qual fazemos aliança.

Evoluímos e morremos devido a nossas gripes polimórficas e rizomáticas mais do que devido a nossas doenças de descendência ou que têm elas mesma sua descendência. O rizoma é uma antigenealogia (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 27 -28).

Princípio de cartografia: O rizoma constrói mapa, um mapa aberto e sempre receptível às mudanças, “Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30). Como tal, o mapa tem múltiplas entradas e não é uma representação, mas uma performance. Os autores destacam que um mapa é “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30).

Princípio de decalcomania: Se o mapa é inventivo, performático, o decalque é uma questão de “competência”. Os autores nos alertam, “*é preciso sempre projetar o decalque sobre o mapa*” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 31).

Essa tarefa é rigorosa e não é uma simples representação do mapa:

Ele é antes como uma foto, um rádio que começaria por eleger ou isolar o que ele tem a intenção de reproduzir, com a ajuda de meios artificiais, com a ajuda de colorantes ou outros procedimentos de coação. É sempre o imitador quem cria seu modelo e o atrai. O decalque já traduziu o mapa em imagem, já transformou o rizoma em raízes e radículas. Organizou, estabilizou, neutralizou as multiplicidades segundo eixos de significância e de subjetivação que são os seus. Ele gerou, estruturalizou o rizoma, e o decalque já não reproduz senão ele mesmo quando crê reproduzir outra coisa. Por isto ele é tão perigoso. Ele injeta redundâncias e as propaga. O que o decalque reproduz do mapa ou do rizoma são somente os impasses, os bloqueios, os germes de pivô ou os pontos de estruturação (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 31).

O rizoma opera sobre o desejo. O decalque é um fechamento das possibilidades do desejo, é uma arborificação, que conduz o rizoma a morte. O decalque encerra o rizoma em fenômenos de massificação, em burocracia, em uma hierarquia, fascistização etc. Por isso é uma questão ética, “Religar os decalques ao mapa, relacionar as raízes ou as árvores a um rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 32). Nesse sentido, há sempre uma dinâmica própria nos rizomas, de abertura de novos mapas, e fechamentos decalcados. Todo decalque pode ser reavivado por uma pragmática que retome as intensidades.

Deleuze e Guattari (2011) roubam o conceito da botânica e o atualiza na filosofia, e utiliza como um antimétodo, uma maneira de produzir um pensamento diferente da maneira moderna, do método cartesiano, *arvresco*. Pretendem subverter o pensamento arbóreo, milenar, para trazer o pensamento à terra, ao chão. Porém, não operam pela cientificidade, “Não reconhecemos nem cientificidade nem ideologia” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 45), nem no âmbito da Representação, “Não se tem mais uma tripartição entre um campo de realidade, o mundo, um campo de representação” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 45).

Pasquinelli (2018, p. 1) pontua momentos do desenvolvimento do pensamento arbóreo, destacando que “the enslavement of a natural form says more about political and social structures and hierarchies of human knowledge than about the mind itself”.

A árvore mais conhecida no Ocidente é a *Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal*, que chegou na tradição judaica por meio da cultura assíria. De acordo com Pasquinelli (2018), A *Árvore Sagrada Assíria* era um diagrama básico da ordem social, pois a árvore era o símbolo da agricultura fértil e próspera e o rei era retratado ao lado dela protegido pelo espírito de um sol alado, e assim esboça a organização social (poder econômico, político e espiritual). Cada ramo se refere a um deus específico. O monoteísmo, ao se apropriar da árvore assíria, abstrai os ramos, transformando-os em fruto. É também essa imagem que serviu de base para a árvore sefirótica da Cabala.

Na tradição cristã, o homem é dissociado da árvore, que independe dele. Na Grécia, o homem conquista a forma de árvore, e a inverte, politicamente. Platão definiu o homem como uma “planta celestial”, com seus galhos na terra e as raízes no céu. Aristóteles levou essa ideia até a Idade Média, mantendo a ideia de que “the human is projected towards the spiritual in opposition to the instinct of beasts” (PASQUINELLI, 2018, p. 5). As raízes crescentes são metáfora do conhecimento humano, e a árvore invertida é uma imagem política, uma declaração de independência do cidadão ateniense pela razão. Isso muda com a árvore de Porfírio, que retoma o esquema das categorias aristotélicas para estabelecer um gênero celestial até as espécies mais baixas, seguindo o emanacionismo de Plotino, no qual o mundo é criado pela emanação progressiva e sistemática do Uno. A árvore lógica de Porfírio influenciou muitas outras, como a taxonomia de Lineu e a árvore evolutiva de Darwin. Pasquinelli (2018) relata que Charles Darwin esboçou uma árvore

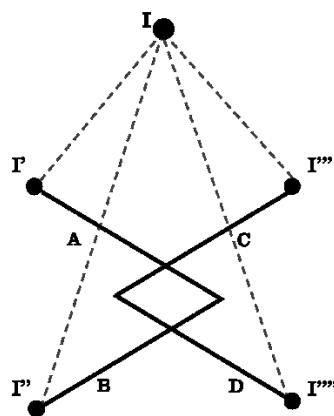
abstrata em seu caderno para ilustrar a evolução das espécies; ainda que o último livro dele foi sobre o movimento das plantas, no qual propõe uma hipótese, a de que a raiz da planta funciona como o cérebro humano.

Para Deleuze e Guattari (2010, p. 34) “O pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada”. A imagem arbórea do pensamento é triste, porque submete a multiplicidade a uma unidade superior. É o mal da Transcendência, o que os pensadores definem como “doença propriamente europeia”. Nesse sentido, encontramos no conceito de rizoma uma ferramenta decolonial, um meio para libertação do pensamento europeu.

Assim, um rizoma não tem começo ou fim, é um *intermezzo*, sem filiação, mas pautado em alianças, “A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’ Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48).

Propomos um esquema visual do conceito de rizoma, tal como no exemplo do *cogito* cartesiano ilustrado por Deleuze e Guattari (2010):

Fig. 5 - Esquema do conceito de rizoma



Fonte: elaborado pelo autor.

No esquema sugerido, o conceito de rizoma congrega 4 componentes: o I' é o *elemento intensivo* que são diversos; o I'' é o *n-I* que diz respeito a descentralização; o I''' é a *linha de fuga*, que concerne aos movimentos inesperado, a desterritorialização; I'''' é a *ruptura*, pela qual se dá o decalque. Esses são sobrevoados pelo I , ao próprio agir do rizoma.

Quadro 1 - Componentes do conceito de rizoma

I'	I''
Afirma que o rizoma se dá no âmbito das intensivo?	Afirma a diferença e a impossibilidade do Uno
I'''	I''''
Afirma a abertura e o espalhamento para qualquer direção	Estanca o fluxo e permite a criação de um centro, um significado, um decalque

Fonte: elaborado pelo autor.

Entre os componentes se estabelecem as zonas de inseparabilidades. Entre A e B, é estabelecido que toda diferença se dá num plano intensivo, entre C e D, que há sempre o risco do decalque, todavia, qualquer decalque pode ser arrastado por uma linha de fuga, reabrindo o rizoma. O ponto *I* é a condensação do conceito, que se constitui como um todo fragmentado.

Da filosofia à Biblioteconomia e Ciência da Informação

O conceito filosófico é distinto do conceito nas CSH. A BCI é uma área de conhecimento classificada como uma ciência social aplicada. Sendo assim, é de se esperar que seus conceitos sejam mais próximos da condição apresentada por Barros (2016) que por Deleuze e Guattari (2010).

O pensamento se dá por diferentes caminhos, e ciência e filosofia são meios distintos de pensar. A filosofia pensa por conceitos, e ciência, por referência, função, proposição. A ciência pensa na medida em que estabiliza as intensidades num plano referencial. Por isso, a enunciação tem função distinta no pensamento científico, se comparado ao filosófico, sobretudo quando se volta as CSH, que utilizam da linguagem para interreferencializar as intensidades. Assim, o uso do conceito de rizoma no domínio da BCI tende a diferir no uso filosófico.

Na *Base de Dados em Ciência da Informação* (Brapci), recuperamos os artigos pela expressão de busca “rizoma”, seja com ocorrência no título, resumo ou palavras-chave,

sem determinação temporal. Foram encontrados 17 artigos, entre os anos de 1996 e 2018. A base cobre grande parte das revistas nacionais da BCI.

O primeiro artigo denominado *Memória institucional e representação: do mundo das formas (árvore) ao universo do pensamento (Rizoma)*, de Thiesen, publicado em 1996, não foi recuperado, por isso não foi analisado. Em 2003, Monteiro publicou *A organização virtual do conhecimento no ciberespaço*, texto que ensaia sobre a organização do conhecimento no ciberespaço, questionando se as maneiras de classificar e indexar os hipertextos seguirá uma lógica rizomática. O conceito de rizoma é um horizonte na reflexão da autora, que questiona os métodos arbóreos de organizar informações (MONTEIRO, 2003). A autora também escreveu um segundo texto, intitulado de *O ciberespaço e os mecanismos de busca: novas máquinas semióticas* (MONTEIRO, 2006), no qual, aprofundando seu estudo sobre a organização do conhecimento no ambiente web, afirma que não há uma sintaxe geral para ordenar as informações na web: “os indexadores (mecanismos de busca) da Internet, como modelo de organização do conhecimento, detêm os mesmos atributos do rizoma, operando a multiplicidade do sentido existente na forma hipertextual (ou rizomática) à recuperação da informação e do conhecimento” (MONTEIRO, 2006, p. 34).

Em *Redes de conceitos*, Batista (2004, p. 16) indica que o rizoma pode ser um direcionamento na renovação da teoria da classificação utilizada na construção de sistemas destinados ao controle de vocabulário para viabilizar a recuperação de informações, denominado tesauro:

Talvez, por analogia, possa-se dizer que os tesouros, através de uma abordagem rizomórfica, se propõem a mapear as redes de relações associativas entre conceitos, traçando linhas de fuga ou de desterritorialização conforme aparecem na literatura corrente de diferentes áreas do conhecimento.

Ferreira (2008) ensaia sobre a utilização do rizoma como método para estudo das redes, todavia, apesar da detalhada revisão do conceito, não há proposições de um método, apenas uma perspectiva geral, pautada principalmente nos princípios de cartografia e decalcomania, no texto chamado de *Rizoma: um método para as redes?*

No ano de 2010 foram recuperados dois textos. Moreira (2010), em *Provocações deleuzeanas para as linguagens documentárias*, ensaia sobre de que modo o pensamento

de Deleuze pode colaborar com a BCI, motivado pelo contexto da informação na Web. Texto questionador, deixa nas considerações finais perguntas aos trabalhos futuros:

Até que ponto, pode-se perguntar, a lógica do decalque interfere positiva ou negativamente nos processos usuais de representação da informação? Que contribuições as ontologias oferecem neste contexto? [...] qual a melhor opção para disponibilização do objeto de informação eletrônico se o conceito de estoque tornou-se instável, se não há mais árvores que possam abrigá-los? Ainda são necessárias a descrição e a representação do documento (é preciso lembrar que documento e seus metadados não estão fisicamente separados) ou eles mesmos se bastam? Se as técnicas de organização da informação tradicionais referem-se fortemente à informação tridimensional, como adaptar-se à ausência de fronteiras? É possível repensar a construção de informações documentárias para encontrar algo semelhante ao mundo Google™ no tratamento da informação sintática e ao mesmo tempo rico em possibilidades semânticas como o rizoma deleuzeano? (MOREIRA, 2010, p. 34).

Pinheiro (2010) escreveu o artigo *Informação e pós-modernidade na fábula do Chapeuzinho Vermelho*, na qual utiliza o rizoma no processo de mapeamento das atualizações da fábula do Chapeuzinho Vermelho. É sim um uso aplicado, há aqui um percurso traçado na medida em que se puxam os fios das versões da fábula.

Em *A contribuição do estudo do colecionismo para historiografia do Museu Histórico do antigo "Oeste Paulista"*, Espírito Santo (2011, p. 32) aborda a relação do colecionismo e o rizoma. Evidência que o ato de colecionar é um meio de criar rizomas, e que o museu, enquanto desejo, tece rizomas informacionais:

Os museus revelam-se como estratégia da sociedade que, em contextos culturais diferenciados no tempo, produzem rizomas informacionais. Esses só aparecem no momento posterior, direcionados para o agenciamento e para a ação realizada. A intenção do agenciador, combinada com os seus próprios desejos, decide, seleciona e classifica os objetos apropriados dos contextos culturais: ele procura dominar a desterritorialização traçando linhas rizomáticas.

Mostafa (2012), em *Conhecimento, informação e meios de transmissão cultural*, reflete sobre as possibilidades de aproximação do campo da cultura à ciência da informação, tratando do exprimível enquanto incorporal (estoicismo) no âmbito da mediação da informação. O rizoma aqui é empregado como meio de caracterizar as relações entre estratos distintos, a comunicação, a informação e arte, mas não é um conceito central ao texto.

No texto *Migração Conceitual e Patologia Metodológica. Análise da incorporação do conceito Rizoma aos estudos da Ciência da Informação*, Dias e Nassif (2013, p.164) criticam, com base no analista do discurso Maingueneau, a apropriação que a área da ciência da informação faz do conceito de rizoma, declarando que “a apropriação conceitual, por força do interdiscurso, reforça o princípio de ecletismo como patologia metodológica de Oliveira Filho (1995), pois há uma ‘deformação’ do termo, quando utilizado por artigos distintos.” Mostafa, Amorim e Sousa (2014) discorrem sobre a noção de rizoma e sua potência na área de BCI. Debatem com Dias e Nassif (2013), apontando que a abordagem das autoras desconsiderou recomendações do próprio Deleuze, que pretendia que seus conceitos devessem outros.

Ferreira (2015) reflete sobre a comunicação científica e as contribuições que o conceito de rizoma pode trazer a essa temática, sobretudo no reconhecimento de redes sociotécnicas que são construídas entre os documentos e cientistas. Em Gomes e Lara (2017), são discutidos alguns aspectos epistemológicos e conceituais da noção de “documento” no âmbito da BCI, e em que medida a noção de rizoma pode abrir caminhos para atualização dessa noção. Em *Internet e suas imagens interpretativas possíveis e inimagináveis: Comunicação e Educação*, Quadros (2018) trata de três imagens interpretativas do pensamento na área, a imagem-árvore, imagem-rede e imagem-rizoma. O autor defende que são meios de compreender os fenômenos de conectividade e pensamento e renovam as mediações tecnologias da informação.

Em *O dispositivo como unidade básica do conhecimento na web*, De Santis (2018) discute como alguns conceitos filosóficos estão contemplados nas tecnologias que estão em desenvolvimento no contexto da recuperação da informação. O autor aponta que é possível encontrar, já em Jesse Shera, um importante pesquisador da biblioteconomia do meio do século XX, um olhar rizomático, que defende o enfoque acentuado na recuperação em detrimento da representação da informação. “A visão rizomática do conhecimento na web pressupõe a noção de ‘sistema aberto’, aquele no qual há interação com o ambiente externo ao qual o sistema se situa”, nesse sentido, “novos artefatos tecnológicos, como é o caso das ontologias, são capazes de emular esta interação criativa” (DE SANTIS, 2018, p.43). De acordo com o autor,

A crença dos pesquisadores e apoiadores do projeto da web semântica é que ela se constituirá em uma verdadeira base de dados mundial, com documentos

interligados e conteúdos descritos semanticamente e, conseqüentemente recuperáveis de forma automatizada. Com os dispositivos constituindo a base desse sistema de organização do conhecimento não dicotômico e multidimensional, e que opera obedecendo a regras lógicas, será possível, a partir de qualquer ponto do rizoma (ou seja, de qualquer conteúdo disponível na web), “desdobrar o emaranhado” (usando as palavras de Deleuze), ou seja: será possível recuperar, a partir do processamento computacional, documentos e conteúdos interligados, independentemente da sua localização na web ou da intenção explícita de seu criador (DE SANTIS, 2018, p. 43).

O artigo de Sales (2018) ousa ao propor que o rizoma filosófico seja bricolado em um instrumento próprio à organização do conhecimento, por meio de aplicações tecnológicas como redes neurais e *machine learning*. Para Sales (2018, p. 270),

Diferentemente dos sistemas de organização do conhecimento, que definem previamente as conexões entre os pontos (termos, conceitos e objetos), com base em características e atributos que formam classes, subclasses e demais aglomerados, o rizoma simplesmente conecta, e seu foco não está nos pontos conectados, mas sim nas linhas que conectam, no movimento de expansão, de contágio.

Assim, pretende que, além dos documentos tradicionais, a organização do conhecimento conecte diferentes objetos digitais, de modo a causar “proliferação indefinida, horizontal e colaborativa”. Dessa forma “As relações de conceitos, assuntos, imagens, objetos passam a ser realizadas sem axiomas, sem cânones, sem predefinições, apenas se harmonizam num jogo de devires reais harmonizados com o que somos, pensamos e agimos”. Borges (2018), no artigo *Mapas, constelações, espirais: a rede em Deligny, Benjamin e Deleuze*, não discute a partir da BCI. Disserta sobre os conceitos de mapa, constelações e espirais e como eles aparecem nas contribuições de filósofos e artistas.

A apropriação do conceito de rizoma na BCI é diversa. Os estudos, ao enunciá-lo, normalmente o fazem a procura de abrir novas perspectivas para pensar e agir. O rizoma se articulou com diversos temas no domínio da BCI, como apresentado na figura abaixo:

Fig. 6 - nuvem de palavras associadas ao rizoma na BCI



Fonte: elaborado pelo autor.

Estudos que procuram formular um novo método de pesquisa, ou uma nova técnica para desenvolvimento de instrumentos voltados ao controle de vocabulário e recuperação de informação, para potencializar a circulação de informação no contexto da web, para direcionar o desenvolvimento de tecnologias semânticas. Evidentemente, os sentidos de rizoma são variados, o que é característico dos conceitos nas CSH. Embora haja a referência à Deleuze e Guattari, os trabalhos evidenciam que, para trazer o conceito à BCI, é preciso repensá-lo, sob as condições teórico-metodológicas da área. Há também um equívoco comum, uma afirmação de que, para Deleuze e Guattari, o rizoma é uma metáfora, ou uma representação de um mundo interconectado por cabos em que trafegam bits e bytes. Deleuze e Guattari (2010) se mantém afastados das metáforas, pois são mediações desnecessárias ao pensamento filosófico. O rizoma é matéria, não a representação de algo. É autorreferente, enquanto conceito filosófico.

Quando na botânica, o conceito de rizoma é científico, estruturada nas ciências naturais. Deleuze e Guattari (2011, 2017) levam-no ao plano de consistência da filosofia, transformam o rizoma em um ente filosófico. Realizam o que chamam de deslizamento entre planos (DELEUZE; GUATTARI, 2010), da ciência à filosofia. Constatamos que o conceito de rizoma sofre um novo deslizamento, da filosofia à BCI e, embora guarde relação com o conceito filosófico, ao ser transportado novamente para um plano científico, adquire referência e perde mobilidade. A partir dele se propõe técnicas e métodos, enquanto na filosofia ele é propriamente um antimétodo. Nesse deslize, os sentidos de rizoma são novamente alterados, diversificados. Assim, mesmo pretendendo delimitá-lo numa definição, o conceito na ciência é afetado pelos fenômenos da língua, torna-se polissêmico.

O número de artigos analisados não permite uma inferência quantitativa, mas parecem promissores os estudos que utilizam do rizoma para subverter o pensamento arbóreo nos estudos da organização do conhecimento, da classificação e dos processos de recuperação de informação.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Jill (ed.). *The facts on file dictionary of botany*. Infobase Publishing, 2014.

BARROS, José D.' Assunção. *Os conceitos: seus usos nas ciências humanas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

BATISTA, Gilda Helena Rocha. Redes de Conceitos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 1, v. 9, 2004. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/34371>. Acesso em: 20 mai. 2020.

BORGES, Luiza. Mapas, constelações, espirais: a rede em Deligny, Benjamin e Deleuze. *Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias*, n. 1, v. 3, p. 69-79, 2018. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/118489>. Acesso em: 20 mai. 2020.

DE SANTIS, Rodrigo. O dispositivo como unidade básica do conhecimento na web semântica | The dispositif as the basic unit of knowledge in semantic web. *Liinc em revista*, n. 2, v. 14, 2018. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/107387>. Acesso em: 20 mai. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.

DIAS, Fernando Skackauskas; BORGES, Mônica Erichsen Nassif. Migração Conceitual e Patologia Metodológica. Análise da incorporação do conceito Rizoma aos estudos da Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, n. 2, v. 18, p. 147-166, 2013.

ESPÍRITO SANTO, Silvia Maria. A contribuição do estudo do colecionismo para historiografia do Museu Histórico do antigo "Oeste Paulista". *Transinformação*, n. 1, v. 23, p. 29-37, 2011.

FERREIRA, Flávia Turino. Rizoma: um método para as redes? | Rhizome: a method for networks? *Liinc em revista*, n. 1, v. 4, 2008.

FERREIRA, Lucas Pazoline da Silva. Ciência e rizoma: uma reflexão sobre produção e comunicação científico-acadêmica. *DataGramaZero*, n. 4, v. 16, 2015.

GOMES, Thulio Pereira Dias; LARA, Marilda Lara Lopes Ginez de. A noção de documento: questões para uma abordagem cosmopolítica. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 13, p. 3-9, 2017.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. *Kafka: por uma literatura menor*. São Paulo: Autêntica, 2017.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 18, n. 5, p. 344-347, 1984.

MONTEIRO, Silvana Drumond. A organização virtual do conhecimento no ciberespaço. *DataGramaZero*, n. 6, v. 4, 2003.

MONTEIRO, Silvana Drumond. O ciberespaço e os mecanismos de busca: novas máquinas semióticas. *Ciência da Informação*, n. 1, v. 35, 2006.

MOREIRA, Walter. Provocações deleuzeanas para as linguagens documentárias. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, n. 2, v. 1 n. 2, p. 21-36, 2010.

MOSTAFA, Solange Puntel. Conhecimento, informação e meios de transmissão cultural. *Informação & Sociedade: Estudos*, n. 3, v. 22, 2012.

MOSTAFA, Solange Puntel; AMORIM, Igor Soares; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. Filosofia e discurso na ciência da informação: tessitura de encontros. *Logeion: filosofia da informação*, n. 1, v. 1, p. 6-19, 2014.

PASQUINELLI, Matteo. The Arborescent Mind: The Intelligence of an Inverted Tree. *In: CARROLL, Khadija von Zinnenburg (ed.). Botanical Drift: Protagonists of the Invasive Herbarium*. Berlin: Stenberg Press, 2018.

PINHEIRO, Cláudia Ferreira. Informação e pós-modernidade na fábula do Chapeuzinho Vermelho. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, n. 1, v. 1 n. 1, p. 112-124, 2010.

QUADROS, Paulo da Silva. Internet e suas imagens interpretativas possíveis e inimagináveis: Comunicação e Educação. *Revista Cajueiro*, n. 1, v. 1, 2018.

SALES, Rodrigo. Devir-rizoma: tumulto na organização e representação do conhecimento | Becoming-rhizome: rampage in the knowledge organization and representation. *Liinc em revista*, n. 2, v. 14, 2018.

SMITH, Daniel W. On the nature of concepts. *Parallax*, v. 18, n. 1, p. 62-73, 2012.

VAN HOUTUM, Henk. Remapping borders. *A companion to border studies*, p. 405-418, 2012.

NOTAS DE AUTORIA

Igor Soares Amorim (amorim.igors@gmail.com) é formado em Ciências da Informação, Documentação e Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo. Integrante do programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, no qual, com apoio financeiro da CAPES, desenvolve a pesquisa em nível de doutorado denominada de "Cartografar: debate sobre os métodos da Análise de Domínio". Foi professor substituto do departamento de Ciência da Informação, quando atuou nas graduações de arquivologia e biblioteconomia. Compõe os grupos de pesquisa Núcleo de Estudos em Informação e Mediações Comunicacionais Contemporâneas (NEIMCOC/UFSC), Deleuze e a Ciência a Informação (USP) e Organização do Conhecimento e Gestão Documental (UFSC). É representante discente e membro do conselho fiscal da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ancib).

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

AMORIM, Igor Soares. Rizoma: potência conceitual à biblioteconomia e ciência da informação. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 76-104, 2020.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Fig. 1: Rizoma de *Polloenatum officinale*. Fonte: Font Quer (2001, p. 950).

Fig. 7: Rizoma estolonífero de *Carex chaelophylla*. Fonte: Font Quer (2001, p. 951).

Fig. 8: Partitura rizomática de Bussotti. Fonte: (DELEUZE; GUATTARI, 2001, p. 17).

Fig. 9: Conceito do Eu de Descartes. Fonte: Deleuze e Guattari (2010, p. 34). Imagem disponível em: <http://www.newappsblog.com/2011/08/continental-connections-thursday-7-what-is-philosophy.html>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Fig. 10: Esquema do conceito de rizoma. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Figura 11: Nuvem de palavras associadas ao rizoma na BCI. Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 25/05/2020.

Aprovado em: 01/06/2020.